

Quem se dispõe a analisar, compreender, conceituar, qualificar, enfim, a pensar, refletir e elaborar uma crítica deve ter sempre em mente quais são os fundamentos da sua própria crítica, ou seja, é necessário fazer sempre uma crítica da crítica. Entendendo o conceito de crítica como sendo a atividade de examinar de forma minuciosa qualquer fenômeno existente, seja uma idéia, um fato, uma percepção, um costume, um comportamento, entre outros. É compreensível que, por se caracterizar como uma diligência empreendida pelo indivíduo com todos os elementos que estruturam seu ser enquanto tal, é possível de ser aprendida. Tal qual um artesão se instrui na sua arte e melhora com a prática, uma apreciação crítica também pode ser aprendida e aperfeiçoada.

bém é de fundamental importância lembrar que existem os referenciais existenciais, os quais constituem tudo aquilo que dentro de uma determinada cultura vivenciamos, aprendemos, rejeitamos, aceitamos, valorizamos, concordamos, discordamos, as alegrias, as tristezas, os traumas, as vitórias, as derrotas, os êxitos, os fracassos, enfim, tudo o que compõe a nossa vida, formando nosso imaginário e nos marcando como pessoas. E que são tão ou mais influentes que os referenciais teóricos.

Neste aspecto, pode-se vislumbrar que a estrutura de uma crítica é composta de uma parte racional, analítica, teórica e uma parte afetiva/emocional. E ainda, que uma crítica é mais eficaz à medida que possuímos uma base teórica forte, um exame constante das nossas emoções e um certo método no momento de sua preparação. Sem isso, nossa crítica corre o risco de ser insossa: primeiro porque, sem um embasamento teórico adequado, dificilmente será possível uma compreensão ampla da situação, caindo-se em reducionismos que não promovem uma elucidação e, muito menos, quando é necessária, uma solução para um problema; segundo porque, sem uma avaliação da nossa situação emocional, implicará também num reducionismo de questão e uma apreensão deficiente do fenômeno que se quer interpretar; terceiro porque, tal como uma pesquisa científica dispõe de um determinado método, a crítica também requer uma metodologia, pois sem isso não se estabelecerá o pilar no qual se realiza nossa avaliação. Afinal, no caso da metodologia, uma pergunta sempre se impõe: como fazer uma apreciação crítica? Qual o melhor modo de fazê-la? - Neste ensaio (limitei-me a apresentar alguns passos que considero relevantes, mas naturalmente não pretendo definir uma única maneira de se estabelecer uma crítica. Penso que sem estes três requisitos, qualquer análise, além de enfrentar o problema da coerência lógica - base inicial para a validade de qualquer argumento - pode, se não houver sempre a reflexão acerca destes referenciais existenciais e teóricos, corre-se o risco de haver uma perfeita lógica formal em

A elaboração de uma crítica

*Adriano Sotero Bin**

Deve-se ter em mente que, ao produzirmos uma análise sobre um fenômeno, seja este qual for, elaboramos uma crítica a partir de uma determinada visão de mundo, que inclui nossos valores, nossas experiências de vida e como lidamos com elas. Naturalmente, criam-se estruturas de referência com as quais costumamos abalizar nossas interpretações acerca da realidade. Neste sentido, é interessante notar que nossos referenciais não são apenas teóricos - entendido como apreciações baseadas apenas em cientistas, filósofos, jornalistas, escritores e outros - mas tam-

* Adriano Sotero Bin (Graduando de Filosofia - oitavo semestre) adrianobin@zipmail.com.br

nossos argumentos, mas uma apreciação que não dispõe de um conteúdo verdadeiro.

Um outro questionamento que sempre deve ser feito quando há a realização de uma crítica é refletir a partir de qual “lugar” estamos falando. “Lugar” aqui não entendido no sentido físico-espacial da palavra, mas na perspectiva de onde nos encontramos dentro de uma determinada estrutura social, econômica, política, religiosa e cultural. Pois um erro muito comum é esquecer que estamos inseridos nesta estrutura e falarmos a partir dela. Esta estrutura é o substrato que nos permite justamente refletir sobre ela própria e sobre nós mesmos. Frequentemente, há uma tentação de muitos estudantes e intelectuais de, ao fazerem suas críticas, se colocarem como se estivessem fora desta estrutura, como consequência não se tem uma consciência do contexto nas quais estas se inserem.

Além da consciência de perceber que a crítica é feita a partir de uma “localização” desta estrutura, considero fundamental para a elaboração de um bom julgamento um exame preliminar das nossas emoções, tanto que uma boa apreciação é feita quando estamos tranqüilos e não nos deixamos levar por arroubos emocionais. E o que se entende por uma boa crítica? Esta não é uma resposta simples, possui múltiplas variações e talvez a própria tentativa de responder à pergunta termine num reducionismo de questão, mas, mesmo assim, não podemos nos eximir da tentativa de conceituação. Logo, uma boa crítica é aquela que consegue apreender o fenômeno da maneira mais completa possível, para que isto ocorra é necessário, no mínimo, seguir estes passos: os fatos devem ser primeiramente averiguados para saber se verdadeiramente ocorrem (ou ocorreram); depois, é necessário compreendê-los bem, com estudo de caso, leitura e diálogo (no caso de um fenômeno de séculos torna-se bastante dificultoso devido ao contexto histórico diverso do nosso); analisá-los com o devido cuidado procurando ver suas causas e implicações; pensar o fato sob os vários ângulos possíveis, e sendo consciente do fundamento sobre o qual estabeleço minha análise. Isto significa saber qual a chave de leitura que estou utilizando para examinar o fato em questão, nisso

o conhecimento dos pressupostos filosóficos e qual a abordagem histórica que estou me baseando podem fornecer uma maneira consciente de fundamentar a crítica. E, por fim, perceber quais as experiências emocionais anteriores e presentes com relação ao fato que está sendo por mim criticado.

Percebe-se que a crítica divide-se em duas partes. Na primeira o raciocínio é aplicado ao exame criterioso do fato, a segunda consiste num exame intrapessoal - uma análise das minhas emoções (qual delas está falando mais alto?). Isso tudo serve para se almejar uma objetividade na hora da crítica, evitando-se uma excessiva carga de emoção e uma falta de conhecimento com relação ao fato que se deseja criticar. É de se notar que a elaboração de uma crítica não é algo tão simples, esta se constitui, muitas vezes, num estudo prolongado do que se quer exprobrar.

A crítica viciada

Esta objetividade também é necessária para se evitar a chamada crítica viciada. Esta forma de crítica consiste, justamente, pela falta dos passos atrás citados, naquele tipo de visão congelada, mal estudada, anacrônica, comumente generalizante e, por vezes, adquirida num ímpeto. É o típico julgamento feito pelo senso comum. Um exemplo bastante atual, proveniente da fama deste filósofo, é a famosa expressão de Karl Marx na qual ele cita que “a religião é o ópio do povo”. É notável que na citação desta frase, muitas pessoas ao serem inquiridas sobre o conceito de alienação religiosa e sua relação com as outras alienações descritas no pensamento de Marx e o que este pensador desejou afirmar com esta sentença, ou seja, ao serem chamadas a realizar uma interpretação da filosofia marxista, simplesmente não sabem. Terminam por utilizar esta frase descontextualizada da filosofia do pensador. Outro exemplo bastante comum, devido à situação social e econômica do mundo, é a também famosa e usual (ou as famosas e usuais) suposta(s) explanação (ões) acerca do capitalismo e socialismo. Nesta forma de apreciação, estes dois modos de produção são qualificados pelos seus defensores tanto num sentido estrutural, quanto ético, ou seja, quando há a adjetivação

do socialismo como bom e o capitalismo como ruim (e vice-versa) se quer dizer que a estrutura do socialismo é o melhor modo de governo, economia e organização da sociedade, logo, esta é associada como sendo a melhor forma de vida, a que proporcionaria o bem-estar do ser humano.

A princípio, de forma geral, isto não está errado, mas torna-se problemático quando falta uma análise mais detalhada dos dois modos de produção, seus respectivos funcionamentos, desenvolvimento histórico e outras variantes, como, por exemplo, a mentalidade da população dentro dos dois modos de produção. Sem este detalhamento, freqüentemente dissocia-se o sistema do indivíduo, como a simples adoção de um ou de outro determinasse invariavelmente, - como uma equação matemática - a felicidade dos indivíduos que pertencessem a tal modo de produção. Termina-se por concluir que o capitalismo e o socialismo seriam duas estruturas sociais, econômicas e culturais que, independentemente do agir individual e coletivo, por si próprios seriam o céu ou o inferno na terra.

A crítica eficiente

A boa apreciação também não consiste somente em apontar falhas e defeitos, o que normalmente acontece, mas também em elogiar aquilo que, de fato, fora benéfico ou bem feito. Este elogiar, o que merece ser elogiado, é apontar o erro ou a falha que merece ser apontada contribui para uma verdadeira elucidação do fato que está sendo tomado em questão. Permite-nos ver não de um modo unidimensional somente, mas de uma maneira pluridimensional, como um quadrado que na medida em que ocorre o aprendizado de como produzir uma crítica mais refinada, passamos a perceber as outras arestas do mesmo quadrado, este acaba por se transformar num cubo.

Neste sentido, esta crítica se torna eficiente, pois proporciona uma continuidade, por exemplo, num trabalho começado por outra pessoa com os devidos ajustes, mas aproveitando-se aquilo que fez de melhor. Esta busca de eficácia na hora do exame possui o valor de evitar ao máximo que o uso da crítica sucumba às

ideologias (entendendo o conceito no sentido negativo) tão freqüentes na sociedade contemporânea.

Talvez, estas características ocorram devido a uma confusão intelectual provocada pelas mudanças que nossa sociedade tem sofrido, ocasionando uma crise de paradigmas, tendo por consequência uma espécie de niilismo teórico, na qual há uma renúncia em utilizar a racionalidade para melhor iluminar a realidade. Uma renúncia da nossa própria capacidade de entendimento, gerando um ceticismo social, de valores e descrença na ação política.

Afinal, sabemos o quê?

Tudo isso pode soar simplório e até lógico demais, mas se olharmos bem, muitas das nossas críticas, e, principalmente, as que são proferidas pela mídia, salvo, é claro, suas exceções, são extremamente “viciadas” e repetitivas, justamente pela falta de fundamentação. Basta olhar para alguns assuntos atuais, como, por exemplo, o desenvolvimento histórico e a situação atual do capitalismo e socialismo, ou as notícias que nos vêm pelas agências internacionais sobre a conjuntura do Oriente Médio, o Islã, Israel, ou sobre o funcionamento e a gerência dos Três Poderes que constituem o chamado Governo Federal, a dimensão do trabalho humano nos dias de hoje, a tão falada globalização, a história do Brasil, a própria Constituição, os Estados Unidos e o Iraque, a ciência e a tecnologia no mundo contemporâneo, o mercado financeiro, a crise no setor energético e variadas temáticas recentes. A pergunta que surge é o que de fato sabemos acerca destas problemáticas? Quanto conhecemos sobre estes assuntos?

Freqüentemente, apenas sabemos da existência desses fatos históricos pelo ponto de vista que nos são transmitidos pelo *mass-media* e pelos meios informativos não especializados. Isso proporciona uma falta de compreensão e, por consequência, a produção das nossas críticas - se forem baseadas somente nestas fontes de informação - demudam numa insuficiência de conhecimento para uma correta apreciação dos fenômenos e, até mesmo, transformando-se em preconceitos.

O silêncio

Nesse sentido, para evitar que as supostas categorias de análise debandem em convencionalismos preconceituosos, uma prática salutar e extremamente necessária é precisamente o silêncio. O silêncio proporciona que apreendamos o fenômeno na sua especificidade, nas suas características, na sua essência, permitindo que o fenômeno em si deixe-se mostrar para a partir daí poder melhor ser conceituado, explicado e criticado. É o silêncio que educa para o não sucumbir à rapidez das especulações mentais com suas respectivas palavras, por vezes jogadas ao ar, propícias muito mais a velar o fenômeno, que o almejado desvelar esclarecedor que

se intencionava inicialmente. O silêncio permite que compreendamos o real sentido das palavras e teorias e, conseqüentemente, permite perceber a “substância” da crítica proferida. É este silêncio inicial o alicerce de toda a crítica, é nele que percebemos quem somos e, por conseguinte, nos faz entender como criticamos.

O caráter deste texto é o de ser escrito em termos de ensaio pessoal, baseado em reflexões pessoais sobre as experiências que tive ao longo da graduação de Filosofia da Universidade Católica de Brasília, além de debates realizados em sala de aula e conversas informais nos corredores. Por isso, não há o uso de referências bibliográficas.

investindo no ponto certo, você.

O Ponto Dois Cursos

reuniu uma equipe de professores universitários com larga experiência e formação nas áreas de Design, Publicidade e Computação Gráfica. Didática específica, enfatizando a prática intensiva, para atender as expectativas de um mercado cada vez mais exigente.

Venha ser um profissional completo!



dtp - editoração eletrônica

ferramentas: illustrator ou corel draw, in design ou page maker photoshop e acrobat.

design gráfico

fundamentos da criação gráfica, tipografia, cor, legibilidade, componentes estéticos, metodologia de projeto em design

web design

HTML, dreamweaver MX, flash MX, photoshop ou fireworks.

vídeo digital

básico com imovie e avançado com adobe premier

cursos especiais

mac OS 9 e X, ilustração vetorial (illustrator), fotografia digital (photoshop), editoração eletrônica para jornalismo (page maker/in design), flash cartoons, flash jogos, flash para apresentações, flash multimídia, flash programado, preparatório para habilidade específica UnB (desenho industrial).

estrutura

- turmas limitadas 6 alunos
- um computador por aluno
- horários diferenciados
- apostilas completas
- certificado de conclusão
- portfólio publicado no site da ponto dois cursos
- plataforma mac/pc
- professores universitários e com experiência no mercado

Faça já a sua pré-inscrição em nosso site, garanta sua vaga!

CLN 405 bloco B loja 44 galeria
www.pontodois.com.br/cursos
(61) 273 4067

